



PROPRIEDADE: AASVR  
EDIÇÃO: DIRECÇÃO DA  
AAASVR  
COORDENAÇÃO  
EDITORIAL: RIBEIRO  
AIRES

AAASVR

# IN ITINERE Nº 6



UASP

## ONTEM, HOJE E AMANHÃ

20 de Maio de 2017

### O PAPA FRANCISCO, Peregrino em Fátima

Há um ano abordámos nesta página os “novos ventos” que inspiram a Igreja e anunciam “novos tempos”, com a mensagem de alegria e misericórdia que encerram o espontâneo exemplo e a afetuosa palavra do Papa Francisco.

O Santo Padre, de modo simples, caloroso e autêntico, interpela os cristãos para que sejam solidários e vivam de mãos dadas as alegrias e as tristezas da humanidade. Embora convictos nos seus princípios fundamentais, os cristãos devem respeitar as diferenças. A Igreja deve ser acolhedora. Deus é pai de todos os homens, dos crentes e dos ateus ou agnósticos.

Insiste que o Evangelho inspira uma “Igreja pobre para servir os pobres”, os mais débeis, nomeadamente os refugiados. Dando corpo a estes princípios, decretou o Ano Jubilar da Misericórdia, que teve o seu início no dia 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, simbolicamente assinalado com a abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro, e cujo encerramento ocorreu no dia 20 de Novembro de 2016.

Ao proclamar o encerramento do Ano Jubilar o Papa Francisco disse: “Termina o Jubileu e fecha-se a Porta Santa. Mas a porta da misericórdia do nosso coração permanece sempre aberta de par em par.”

O Sumo Pontífice inaugurou um novo tempo na Igreja, partindo das primeiras palavras de Jesus na Sinagoga, quando revelou o seu “programa de vida”: anunciar a boa nova aos pobres. É a Misericórdia em acção, concebida como um caminho, um processo dinâmico, activo, e não um simples acto ou gesto, que se esgota em si mesmo.

É esta mensagem de bondade, afecto e ternura que o Papa Francisco nos trouxe na sua peregrinação a Fátima, no Centenário das Aparições da Senhora do Rosário, que acaba de ocorrer.

Frisou que a Igreja deve ser “pobre de meios e rica em generosidade e esperança”; acolhedora, aberta a todos, mas especialmente preocupada com os pobres.

Tendo como paradigma da misericórdia a dedicação e cuidados que a mãe doa ao filho, atribuiu um sentido maternal à fé de Fátima: “Temos Mãe!” Fátima como um “manto de luz”, que a todos protege e dá esperança.

As Aparições de Fátima aconteceram entre 1917, num contexto histórico nacional e internacional de conflitualidade extrema.

Em Portugal, depois do regicídio, em Fevereiro de 1908, viviam-se os tempos mais ferozes da 1ª República, em pleno governo de Afonso Costa, um dos mais cruéis perseguidores da Igreja Católica. Havia graves e constantes convulsões sociais, com a ocorrência de crimes políticos. Era o caos social e económico.



A Primeira Grande Guerra, iniciada em 28 de Julho de 1914, gerava miséria e morte.

Em Fevereiro de 1917, teve início a Revolução Russa.. Em Outubro, Lenine inicia uma campanha de aniquilação de vários estados, que incorpora na União Soviética, e dissemina por vastas regiões do globo a ideologia comunista, genuinamente ateia, que persegue a religião e proíbe as manifestações públicas de religiosidade.

É por isso que a mensagem de Fátima assenta num apelo à força da oração pela paz.

O dia do Centenário, 13 de Maio de 2017, foi memorável para a Igreja Universal e para Portugal, ao ser declarada em Fátima a canonização dos dois irmãos pastorinhos videntes, Santa Jacinta e São Francisco Marto.

Todos nós, antigos alunos do Seminário de Vila Real, sentimos grata alegria e são orgulho ao ver um dos mais notáveis discípulos desta casa, o D. António Marto, ilustre transmuntano, ser o anfitrião do Santo Padre e figura cimeira das comemorações do Centenário. Comunga da espontânea e contagiante alegria e do caloroso afeto do Papa Francisco.

Salvé a ambos!

José Augusto Branco



Num dia solarengo de Novembro de 2016, em acolhedora sala do Seminário de Santa Joana Princesa, da Diocese de Aveiro, onde reuniu a direcção da UASP, numa moldura colocada em rodapé dum quadro que retrata D. João Evangelista de Lima Vidal, encontrei um texto que reproduz uma carta dirigida por este eminente prelado aos seus seminaristas.

Ao lê-lo, eu que frequentei o Seminário em dois níveis (menor em Vila Real e maior no Porto), senti-me profundamente tocado pela mensagem. Foi um privilégio ter beneficiado da brisa cultural e da fraternidade espiritual do oásis que me acolheu durante oito anos e dois meses.

Considero esta carta uma bela peça de prosa poética, uma síntese brilhante e inspiradora, que sinto dever partilhar com os meus colegas.

«Só mais tarde, queridos seminaristas, quando tiverdes tocado com a ponta dos dedos, e oxalá somente com a ponta dos dedos, as desilusões e amarguras da vida, e os seus perigos, é que vós podereis ter ampla e completa visão da paz augusta do Seminário, do seu bemfazejo clima. O que no presente poderia parecer à natureza constrangida uma diminuição do espaço para a abertura e expansão das asas, uma tapada, vos aparecerá então como um campo livre e ameno, onde só vicejam, sem cardos, as perfumadas flores da esperança. Então, e só então, é que vós sabereis o que é um oásis na vida, com palmeiras e tamarindeiras à borda de águas correntes, com suaves brisas a passar pela frente, com o canto alegre e a doce balboa dos passarinhos. Assim eu vos desejo que ao sairdes do Seminário não solteis o grito do prisioneiro no dia em que se lhe abre a porta do cárcere: Finalmente! mas antes o suspiro da saudade de quem abala do seu lar para a guerra: Que Pena!

João Evangelista, Bispo de Aveiro».

Considerarei o “achado” deste belo texto um momento muito gratificante, que me inspirou a conhecer a história do fundador do Seminário, que foi o meu lar na adolescência e parte da juventude.

D. João Evangelista de Lima Vidal foi o primeiro Bispo da Diocese de Vila Real, fundada em 20 de Abril de 1922, através de bula do Papa Pio XI. Foi o fundador da obra do Seminário, cuja construção foi concluída pelo seu sucessor D. António Valente da Fonseca.

D. João Evangelista, quando era Governador do Patriarcado de Lisboa, deu início ao processo de oficialização das aparições de Fátima. Que feliz coincidência: estamos a viver o Centenário das Aparições!

Foi o primeiro Bispo da Nova Diocese de Aveiro, restaurada em 11 de Dezembro de 1938, onde deu início à construção do Seminário de Santa Joana.



Nos próximos dias 1 e 2 de Julho realiza-se o **encontro cultural da UASP**, em Viana do Castelo, podendo-se inscrever todos os associados da AAASVR, até ao dia 22 de Junho. O programa em pormenor pode ser consultado na nossa página **[www.aaasvr.com](http://www.aaasvr.com)**

## ERA UMA VEZ UM CHICO ESPERTO

A sineta tocou. Dirigimo-nos à ala nascente e à sala nº 4, junto às instalações do Digníssimo Reitor Mons. Libânio Borges. O padre Bernardino, professor da disciplina de Física (era-o também de História).

Sentámo-nos. O padre Bernardino abriu a cadeneteta. Ficámos em silêncio, fixando nele o olhar, à espera de adivinhar o que ele diria com as contracções do rosto, dos lábios e finalmente ouvir quem seria o desinfeliz que naquela hora seria chamado a mostrar todo o seu saber ou, em caso contrário, a ostentar a sua cabulice. O suspense terminou quando ele, olhando em frente, nomeou a vítima daquela aula.

- Senhor Dinis do Vale, levante-se e fale-me sobre o tema da aula de hoje.

“Pronto, cá vou eu”, disse para mim. Quilhei-me. Tremi.

- Marto, abre o Fisição – disse em voz baixa, pedindo socorro, antes de me levantar. O Marto, que estava na carteira à minha frente, com a rapidez possível, abriu o célebre Fisição, livro do professor utilizado pelos alunos. O cenário estava montado. Ao Marto bastaria somente folhear para eu ler. Na verdade era só seguir a estratégia tanta vez experimentada. Tudo simples, muito simples. O padre Bernardino, como em outras ocasiões, não daria conta de nada ou daria? O certo é que eu debitei tudo quanto li, sem tirar nem pôr. Ao fim de 40 minutos eu estava satisfeito, pois nem uma vírgula falhara. E, impante e atrevido, com um sorriso malandro, perguntei:

- Padre Bernardino, quer que continue?

- Pode, se quiser continuar. Mas antes deixe-me informá-lo de que tudo o que respondeu até agora foi como lhe tivesse perguntado de que era a sopa e o senhor Dinis do Vale tivesse respondido *bacalhau cru*.

Ora, cá vai, com sua licença: um zero.

- Um zero? – perguntei, espantado.

- Uns zero. Se quiser, abaixo de zero. Mas não é preciso. Basta um zero – disse dissimuladamente divertido.

Houve um silêncio amargo na sala. Sentei-me, desalentado. Não percebera o que se passara.

- Vale, Vale – chamou Marto. – Desculpa. A lição era Bell e eu abri-o em Hertz.

Sem perda de tempo dirigi-me ao padre Bernardino, na tentativa de anular aquele zero

- Sr. professor, como pode dar-me um zero, se eu nem uma vírgula falhei e foi um tema que estudei com gosto, mas cometi um pequeno lapso. Troquei a aula de hoje pela da amanhã, portanto poderíamos chegar a um acordo e talvez eu aceitasse um 15 e assim era punida a minha distração. – O padre Bernardino sorriu. Depois de palavra vai, palavra vem, eis que, em tom mais baixo, diz-me:

- Sr. Dinis do Vale, aproxime-se. Tome esta caderneteta e abra no início. Por favor, leia.

Mais uma vez armado em “chico esperto” comecei a ler as notas dos alunos desde o princípio até ele me dizer: - Eu pedi para ler os “deveres dos alunos”. - Obedeci e virado para a asneira pedi para ler os deveres dos professores no fim da caderneteta. Recomecei pelo último aluno: Normando, Nicolau etc., até que soou a voz do professor:

- Cale-se e ponha-se lá fora. Acabou o espectáculo.

Então, calmamente disse:

- Não saio, pois se eu saio o Sr. Reitor expulsa-me sem me permitir explicações. Portanto, daqui não saio!

- Não sai? Se não sai o senhor saio eu - e dirige-se à porta, abrindo a mesma. Mas o inesperado aconteceu.

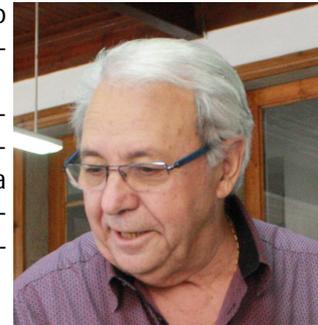
- Sr. Padre -, pergunta o Ilustre Reitor, que, à porta, tinha estado a escutar tudo. - Que se passa aqui? Qual a razão deste barulho?

- Não se passa nada. Eu abri a porta porque pressenti um ruído estranho no corredor, seguido de um movimento junto à porta. A minha curiosidade levou-me a saber que barulho era esse. Na aula está tudo na paz dos anjos. Com sua licença, vou fechar a porta para continuar a aula.

- Muito bem, muito bem - respondeu Mons. Libânio.

O professor entrou, fechou os seus livros, pegou no seu relógio e depois de se benzer em voz alta “Em nome do Pai, do Filho Espírito Santo” disse :

- Valha-os Deus! Valha-os Deus!



ANTÓNIO FRANCISCO DIAS VIEIRA  
Homenagem**Assembleia Geral**

José Manuel Moura  
(1962/1963) - Presidente;  
António Mota Dinis do Vale  
(1955/1956),  
José Augusto Macieirinha  
(1957/1958)

**Conselho Fiscal**

António Francisco Dias Viei-  
ra (1956/1957) - Presidente  
António Maria Cascais  
(1965/1966)  
João Luís Teixeira Fernandes  
(1965-1966)

**Direcção**

José Augusto Francisco Bran-  
co (1967/1968) - presidente  
Domingos F. Vilela da Costa  
(1972/1973)  
Valentim Carvalho Macedo  
(1965-1966)  
Fernando Casinhas Capela  
(1985/1986)  
Joaquim Ribeiro Aires  
(1960/1961)  
Mário Fernando Pereira  
Pinto (1969-1970)

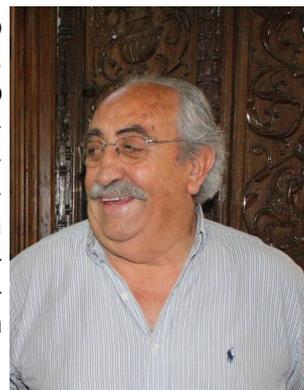
**SÓCIOS FUNDADORES**

Abel Silveira Montenegro  
António Alves da Silva  
António A. Saavedra Costa  
António Francisco Dias Vieira  
António J. Magalhães Cabral  
António Mota Dinis do Vale  
Ernesto Andrade Costa  
José Augusto Macieirinha  
José Joaquim Medeiros Moura  
Manuel Lopes dos Prazeres  
Mateus Carlos Teixeira Alves

**ADESÃO À UASP**

A Associação dos Antigos  
Alunos do Seminário de Vila  
Real aderiu, em Leiria, no dia  
17 de Setembro de 2011, à  
União das Associações dos  
Seminários Portugueses.

António Francisco Dias Vieira, filho de Paulino Ernesto Fernandes Vieira e Ana Amélia Dias, nasceu em Sezelhe, Montalegre, em 5 de Abril de 1944. Frequentou o seminário de Vila Real de 1956 a 1965, onde concluiu o curso de Filosofia (8.º ano). A 11 de Janeiro de 1966, foi incorporado na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, onde frequentou e concluiu o curso de oficiais. Cumpriu o serviço militar em Vila Real, cidade onde vivera desde os doze anos. A 16 de Novembro de 1970, ingressou, como tenente, na Guarda Nacional Republicana. Comandou a Secção da GNR de Miranda do Douro de 20 de Janeiro de 1971 a 11 de Março de 1973. Chamado para o Curso de Capitães embarcou para a Guiné, no dia 4 de Maio de 1974, onde lhe foi entregue o Comando da 3ª Companhia do Batalhão de Artilharia n.º 6523/73. Regressado da Guiné, voltou à GNR, em 4 de Dezembro de 1974. Então, comandou a Companhia de Santa Bárbara, em Bragança, de 4 de Abril de 1975 a 31 de Março de 1979, seguindo-se a de Vila Real de 1 de Abril de 1979 a 30 de Junho de 1992. A ele se deve o restauro do degradado Convento de S Francisco, onde, com instalações modelares e funcionais, se encontra instalado o agora denominado Comando Territorial de Vila Real. No ano lectivo de 1987/88 frequentou no Instituto de Altos Estudos Militares o Curso para Oficiais Superiores, sendo promovido a Major em 1 de Julho de 1988 e a Tenente Coronel a 1 de Julho de 1992. Como Tenente Coronel chefiou, durante um ano, a Secção de Operações, Informações e Instrução da Brigada Territorial n.º 2 em Lisboa. Comandou durante pouco mais de um ano o Agrupamento de Bela Vista no Porto, instalou o Agrupamento de Penafiel que Comandou até 4 de Fevereiro de 1996. Desde 5 de Fevereiro do mesmo ano exerceu as funções de Segundo Comandante da Brigada Territorial n.º 4 da Guarda Nacional Republicana, no Porto.



Na sua vida social exerceu várias funções em distintas instituições. Ainda militar da GNR, e antes de passar à Reserva, foi o responsável pela Cruz Vermelha de Vila Real e presidente da Direcção de 2008 a 2016. Foi Presidente, em três mandatos, do Lions Clube de Vila Real e, durante dois mandatos, presidente do Distrito Lyon 115. Foi sócio fundador da Casa do Concelho de Montalegre, em Lisboa e da Associação de Antigos Alunos do Seminário de Vila Real de que foi o primeiro presidente. Fez parte da primeira Direcção do Núcleo de Vila Real da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral. De Janeiro de 2004 a Junho de 2011 foi presidente da fundação dr. Carneiro Mesquita, em Santa Marta de Penaguião. Em 2005, foi delegado da Prevenção Rodoviária para o distrito de Vila Real.

Enquanto seminarista, e a partir da adolescência, começou a interessar-se pelos grandes nomes da literatura portuguesa, evidenciando dotes de escrita. Após a saída do seminário, começou a colaborar em vários jornais regionais, como contista. Ganhou o primeiro prémio nos Jogos Florais de Chaves em 1970 em *reportagem regionalista*, com o trabalho "A Chega" e o 2.º prémio nos Jogos Florais de Chaves, em 1971 em *estudo* com o trabalho "Miranda Cidade Histórica". Escreveu um estudo sobre a *Cabra Selvagem do Gerez* e outro sobre *Os Foragidos Espanhóis da Guerra Civil em Trás os Montes*. Em livro publicou: *Polymyxos* (2002); *O Cabaneiro* (2005); *Guerra em Rima* (2012); (coautoria com João Pedro Miranda) *60 Anos de Jornalismo de Causas e Casos* (2013). *O Vinho do Porto na Cozinha* (2010). *As Ripadas do Padre Domingos Barroso* (2016), *Histórias da Breca* (2017). No exercício das várias funções, recebeu louvores e condecorações: louvado 4 vezes pelo General Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana e uma vez pelo Comandante de Brigada Territorial; medalhas de Assiduidade de Segurança Pública, Serviços Distintos de Segurança Pública e medalha de Comportamento Exemplar; medalhas de Presidente 100% e medalhas Zone Chairman e Key Member, do Lions Clube; Medalha de Mérito Municipal, grau prata, atribuída pela C.M. de Montalegre, em 1992; Medalha de Ouro Municipal, pela C.M. de Montalegre, em 2017; .